

# OS MOSQUITO

REDACÇÃO, RUA NOVA DO OUVIDOR N. 83, SOBRADO.  
 O CASO DAS LETRAS FALSAS. — BOATOS..... — RETICENCIAS.....  
 CHRONICA.



A' porta da praça. Então já so sabe que... tambem não podia ser d'outra forma porque... Não !... qual... o caso é outro...  
 o, sim bem sei... só podia dar-se... so... Ora pois está visto... a Praça do Commercio é que... E' claro pois se...  
 (Continúa).

## ASSUMPTOS DA SEMANA

Parece que, a despeito das affirmativas de prosperidade da falla do throno, estamos, afinal, em um estado dis-solvente. O Rio Grande está engolfado em notas falsas; no Pará, descobriu-se um importante roubo, na admimistração; em Santos os cofres da Alfandega, foram arrombados, desaparecendo perto de duzentos contos; nas outras provincias varios casos d'esta ordem, têm sido referidos pelos jornaes; no Rio de Janeiro, no coração, d'este grande corpo social chamado Brazil, apparecem simultaneamente dous ou tres casos de falsificação.

Todo o espirito verdadeiramente patriótico ha de contranger-se, com magua, diante d'estes factos, e revoltar-se contra aquelles que, fingindo ignorar tudo isso, affirmam que o paiz caminha na senda do progresso.

Isto quanto ás coisas internas.

No estrangeiro S. M. o imperador persiste, com as suas excentricidades, em amesquinhar o prestigio do nome brasileiro, intitulado-se ridiculamente: o professor D. Pedro de Alcantara, e preparando scenas de reconciliação, que as folhas estrangeiras alcunham de má gosto ou má fé. Por outro lado, apesar de termos uma regencia somos governados pelo telegrapho. Serão esses os deveres de um rei constitucional?

São dolorosas estas considerações. Entretanto, da observação de todos esses factos, resulta uma cruel verdade, e é, que as falsificações se estendem, talvez, desde a monarchia constitucional até ás firmas dos negociantes.

Tem se abusado tanto da rhetorica nas camaras brazileiras, e os discursos dos representantes do povo são de tal modo longos e assustadores, que a eloquencia profana se acha transformada em uma arma de combate com a qual se ameaça. Quem é que não ha de ter horror a esse interminavel palavrado que enche paginas e paginas do *Jornal do Commercio*? Ouvir um d'esses discursos completos, é um supplicio tão barbaço que a propria inquisição vacillaria em o applicar ás suas victimas. Antes a fogueira! antes o pótro! O soffrimento seria menos prolongado e mais brando.

Felizmente, parece que estas verdades vão entrando no animo dos representantes da nação, porque ha dias, desejando um senador fazer algumas considerações á falla do throno, o Sr. Cotegipe, ergueu-se como um tigre e exclamou, que se o seu collega fizesse considerações, elle pediria de novo a palavra.

O senador atterrado com a perspectiva de um novo discurso do Sr. Cotegipe, abandonou immediatamente o seu projecto.

Essa simples ameaça tinha-lhe desenhado no rosto uma tragica expressão de terror; estava com os cabellos erriçados e os olhos fóra das orbitas, como os naufragos da fragata *Medusa*.

Realmente, o caso não era para menos.

JULIO VERIM.

## LIVROS E IMPRESSOS

Recebemos e agradecemos exemplares das seguintes publicações:

*Agua potavel para abastecimento da capital do Imperio.*

— Analyse por Maximo Innocencio Furtado de Mendonça, chefe do laboratorio chimico da casa da moeda, e José Manoel de Padua e Castro, ensaiador do mesmo estabelecimento.

Compilação de diversos artigos publicados nos jornaes da Côte e do exterior, sobre a imperial fabrica de chapões de Joaquim Alvaro d'Armada & C.

*Guerra do Paraguay* Defesa heroica da ilha da Redempção em 10 de Abril de 1866, pelo Dr. Joaquim Antonio Pinto Junior.

*Episodio das inundações em Portugal*, por P. A.

*Relatorio da Imperial Associação Typographica Fluminense*, apresentado pelo Conselho administrativo á assembléa geral em 10 de Dezembro de 1876.

*Companhia de Navegação Transatlantica*. Resposta da directoria ao parecer da commissão de exame de contas.

*Resposta dada pelo gerente da Companhia de Navegação Transatlantica, F. F. Borges*, ao parecer da commissão de exame de contas em sessão da assembléa geral de 20 de Março de 1877.

*Anuaes Brazilenses de Medicina*, Tomo XXVIII n. 10; *Tribuna Pharmaceutica*, 3ª serie n. 8; *Illustração do Brazil*, n. 31; *Revista Illustrada*; *Figuro* n. 67; *Mequetrefe* n. 97; *Gauguelli* ns. 5 e 6; *Revista do Rio de Janeiro* 2º anno n. 1.

Da jovem e talentosa compositora e pianista a Sra D. Luiza Leonardo, por intermedio dos Srs. Narcizo e Arthur Napoleão, as seguintes composições musicaes :  
*Um reve de bal.* valsa brilhante ; *Apasionato*, capriccio-étude ; *Dans le calme de la nuit*, barcarolle e *Mes vers fleuriraient vers vous*, romance palavras de Victor Hugo.

### TRIOLET.

O senador por um voto,  
 Das musas fiel devoto  
 Vendo o França, o Carvalho e mais o Mello  
 Applaudirem-n'ó sempre com desvello  
 Os enche de carinho e protecção ;  
 Torna-os seus commensaes e seus privados,  
 E em nome da nação  
 Dá-lhes chá, torradinhas e gelados.

*Revoir.*

### GALERIA THEATRAL

( Quinta serie )

CRITICOS, AUTORES E ARTISTAS

XVI

CYRIACO DE CARDOZO

E' um *croquis* feito a bico de penna por Victor Hugo. Depois de rabiscal-o, contemplando-o, concebeu o grande escriptor a idéa de um livro, que o mundo inteiro admira ;

O livro é o *Homem que ri* ;  
 O modelo foi elle.

Ali, naquella cara sempre aberta, sempre expansiva, escancarada sempre, andou por força a mão desfiguradora dos *comprachicos*.

Daquella cara é que sem offensa se pôde dizer uma cara descarada.

Está sempre rindo-se, mesmo quando está serio ; e ri-se de todos e de tudo.

Ri-se do drama como se ri da comedia.

Ri-se até das lagrimas da Sra. Adelaide Amaral.

Se fosse mais bonito um bocadinho...

( Perdão !... mais bonito, não ; menos feio um bocadinho é que é. )

... Se fosse menos feio um bocadinho, seria uma especie de Apollonia macho.

Na cara, entende-se.

No resto ha de seguramente haver algumas differenças. Ao menos, é licito suppôr.

Com aquella actriz tem elle esse ponto de semelhança.

Outro ponto de semelhança tem elle, mas é com a Sra. Aurora.

Morrem ambos, a Sra. Aurora e elle, por uma luva de pellica.

Ai ! a luva de pellica é o seu ideal delle.

A a luva de pellica está para elle como o paletó está para o actor Medeiros.

Pôde não haver luvas nos depositos do autor Jouvin, pôde não havê-las na fabrica do Sertorio, pôde mesmo não tê-las a Sra. Aurora, que até as calça para dormir : no bolso delle ha-as com certeza.

Ainda mais :

Pôde succeder que não encontrem meias por dentro das botas ; mas luvas por fóra da mão, isso hão de encontrar-lhe sempre.

Quando elle nasceu vinha nú, dizem ; mas já nasceu da luva de pellica.

Elle toca rabeca, e toca bem.

Empunha uma batuta e manje-a com tal firmeza, que parece um habito adquirido desde criança.

Pois bem :

Os prodigios daquella batuta, os mimos daquellas arcadas são effeitos da luva só.

Ha por ahi muito quem metta os pés na musica ; elle só lhe mette as mãos, e as mãos mettidas em luva de pellica.

O seu amor pela luva chega a ponto de lamentar quem não tenha dez dedos em cada mão.

Se os tivera, calçava logo dous pares de uma assentada.

E' possivel que para satisfazer esse desejo, em vez de meias, traga luvas nos pés.

O seu sonho doutrado é acabar na fabrica do Sertorio fazendo luvas.

Consta mesmo que está escrevendo uma opera de grande folego :

Intitula-se a *Luva de Pellica*.

Já fez suas disposições testamentarias.

O seu testamento consta apenas de duas verbas :

Em uma deixa as suas luvas usadas á Sra. Aurora para não estragar luvas novas quando dorme ;

Na outra declara que o enterrem com luvas de pellica.

Áóra esta mania, não se lhe conhece outra.

# O CASO DAS LETRAS



Qual historia, eu sei perfeitamente quem é o...  
mas que até agora ninguém poderia dizer... só...

Sim é segredo... bem sei e não o direi por  
causa do... ainda que se o homem fosse...

Ninguém acreditará no... considerado e tal... voto  
sabo...



A politica sim, é que... e tambem os *reposters*  
que pediam por sua vez a...

Dizendo : nós somos tres... que sabemos mas...  
(Três da Grande Duquesa 2º acto).  
Elles tinham a gloria de... e quando se lhe per-  
guntava então e l... é l...

Só... faziam... nós somos tres que sabo-  
mos mas... não dizemos... Ora pois está visto...



Côro—Tambem nós todos sabemos que o autor  
é... mas a delusão... negocio melindroso que  
depos de... sim e tal é... (tres dias depois é preso  
aquelle que...)

ficaram todos assim... ninguém rabia nada

Tira-se apenas : Os tribunales farão jus-  
taça... para logo ver.



O professor *Pedro d'Alcantara* continúa demolindo o Defensor perpetuo do Brazil.

(Vide Carta de Ganganelli e artigo do *Universo de Ventos*.)

Alguns apontam-lhe entretanto um defeito :  
 Dizem que elle é namorador.  
 E' um defeito perdoavel, visto que elle namora para  
 bom fim :  
 Não casa nunca, namora só.

GRYPHUS

## FABULA INSTANTANEA.

CINCO CONTOS PARA O PAPA !

A tal peregrinação, que se projecta a Roma,  
 Tem poste o nosso bispo mentecapto e tonto ;  
 Diz que tem cinco contos, e não tem tal somma !

Quem com 1:000\$000 accrescenta um ponto.

JOB.

## SAL

## PICCOS

O *Jornal do Commercio* publica uma noticia com muitissimo espirito, relativa ao facto vulgar de todos os cocheiros que causam desastres parecem ter azas para fugir á policia. Houve uma excepção. Um cocheiro occasionou um encontro de uma andorinha com um bond, e foi preso. O *jornal* chama-lhe, com muita graça, cocheiro *desazado*, isto é, sem azas. O mais engraçado é que o cocheiro *desazado*, vinha guiando a andorinha ! E' notavel a coincidencia. Os seus collegas quando guiam caleças ou bonds, têm azas para fugir á policia. O misero que guiava a andorinha, foi preso e classificado pelo *jornal* de cocheiro sem azas : *cocheiro desazado*.

Uma duvida, porém, assalta o nosso espirito. Queria o *jornal* dizer: *cocheiro desastrado* e não lhe chegaria a lingua!

A mesma folha diz:

" Houtem ás 10 horas da manhã foi preso na rua de D. ...  
 doel Joaquim de Moura Coutinho, etc. "

Perguntamos : noudé será essa rua ? Não temos o prazer de a conhecer ; deve ser nma rua aristocratica, a avaliar pelo comprimento do nome. Como, porém, isso é incommodo, pedimos ao governo que lhe dê um titulo de barão, afim de se pronunciar mais facilmente o nome da rua.

Na *Bahia*, a Assembléa provincial, promulgou uma lei que é um verdadeiro attentado. Determinou que as casas commerciaes, se fechassem aos domingos a uma certa hora sob pena de multas de 15 a 30 \$ 000.

Este procedimento de uma Assembléa popular é inqualificavel e despotico. Ella não tem o direito de mandar fechar os estabelecimentos commerciaes, a certa hora. Isso pertence aos seus proprietarios, exclusivamente. Amanhã, a mesma Assembléa, determinará que os cidadãos bahianos, entrem em casa as 9 horas da noite e se mettam em val de lenções meia hora depois, sob pena de multas importantes. Temos, pois, na *Bahia*, a liberdade individual á mercê dos senhores feudaes da Assembléa provincial. Até aonde irá a violencia ninguem e pode prever. Quem sabe se a Assembléa, projecta algum decreto marcando as horas da comida, do passeio, da satisfação de certas necessidades corporaes etc !

Neste caso, os habitantes da *Bahia*, praticariam um dever mandando a Assembléa provincial os resultados desse ultimo decreto. A ella pertencem as glorias de tão hygienica determinação.

Os caxeiros da *Bahia* festejaram com foguetes, o decreto moscovita.

Nós estimariamos muito que, com identico direito, e cedendo á força da logica, a mesma Assembléa, obrigasse os caxeiros, nos dias santificados, a recolherem-se ao anoitecer. Talvez então não viessem para a rua soltar foguetes e se mostrassem muito indignados.

O Sr. E. de Martino, pintor de marinhas, publicou um artigo no *Globo* defendendo o Sr. Reed, constructor de navios. Do artigo depreheende-se que entre o fabricante e o pintor dos mesmos objectos, existe uma certa affinidade.

Respeitando muito as relações de amizade que existem entre esses senhores, sentimentos que o Sr. de Martino estivesse fóra de seu elemento, na deefsa do amigo, e que por isso, o seu estylo não seja dos mais correctos, nem os seus argumentos dos mais decisivos.

Se o Sr. de Martino pudesse defender o Sr. Reed ... n'um quadro, crémos que a defesa seria brilhante. N'um artigo, porém, revela-se-nos um curioso, escrevendo um phrasedado diffusão de 142 linhas para dizer apenas, que, como amigo pessoal do Sr. Reed não pôde tolerar que se diga mal d'elle.

Se o Sr. de Martino quizesse aceitar um conselho, nós lhe diriamos que fizesse uma defesa do Sr. Reed, ... em pintura.

## REVELAÇÃO

Por ventura adivinhas o que dizem,  
Muito em segredo,  
As ondas do oceano ao desfazerem-se  
Contra o rochedo !

Filha adorada  
Ouve o que dizem :  
... Não dizem nada.

U. L.

## Zig-Zags

Os venerandos pais da patria que do senado vigiam os destinos da patria, teem ás vezes, cousas de cabo de esquadra.

Isto parece paradoxal á primeira vista, pois n'uma assembléa composta de velhos que teem tido 80 annos para se instruirem, é notorio, que ao fim desse tempo, estejam na contingencia dos simples mortaes que apenas teem tido 20 ou 30 annos, para se illustrarem.

Mas, deixemos isso. Na sessão de segunda-feira, o Sr. Zacarias exhibiu uma theoria nova a respeito das opiniões politicas dos empregados publicos, theoria que se não é uma gloria para o seu autor, é uma novidade, que, na terra dos monopolios devia valer ao seu descobridor um privilegio da invenção por 99 annos e meio.

Disse S. Ex. que gostava muito da disciplina, e que por isso era de opinião que os funcionarios não se deviam metter em negocios eleitoraes, principalmente de opposição.

Esta affirmativa envolve offensa a todo o functionalismo porque mostra que neste paiz, aonde ainda existe a escravatura, um alto personagem abriga no seu cerebro a idéa de uma especie de escravatura branca, pretendendo que o empregado, que presta um serviço e que recebe uma indemnisação, fique com a consciencia alugada ao partido que tiver empolgado o poder.

Este facto mostra quanto é vicioso o criterio pelo qual alguns homens publicos interpretam os acontecimentos. O funcionario presta um serviço ao paiz e recebe uma indemnisação. Nada se devem mutuamente, sob este ponto de vista. A consciencia e a opinião do empregado publico não livres. Elle é um cidadão como outro qualquer no pleno exercicio dos seus direitos.

Na sua repartição presta obediencia ao Sr. Zacarias, se S. Ex. fór um chefe, mas depois, sabindo, pôde votar contra o mesmo, se lhe appetecer, sem que ninguem tenha o direito de lhe irrogar a mais leve censura.

A critica á theoria humoristica do Sr. Zacarias foi feita por outro senador, o Sr. Luiz Vieira. S. Ex. disse, dirigindo-se ao seu collega catholico-apostolico-romano, amante do *syllabus* e de Lourdes, as seguintes memoraveis palavras, que são o epitaphio de um politico :

— V. Ex. é tão ultramontano em politica como em religião !

Fazendo depois uma interpellação ao St. Inque de Caxias sobre a perseguição de um alferes, o Sr. Zacarias começou a percorrer a sala com a vista, procurando a pessoa a quem se dirigia, e que estava alli, quando começou a fallar.

— Não vejo o venerando marechal a quem tenho a honra do dirigir-me... Parece que abandonou a sala... Talvez tenha recebido algum telegramma...

FRADIQUE.

## DIALOGO

(Pelo telegrapho)

— Que é do imperio  
Que te dei para guardar !  
— Está na mão do jesuita  
Se quizer já buscar.

— Que é do Typo  
Que te dei para compôr !  
Teve um voto no senado  
Está feito senador.

Vasco

METAMORPHOSES — O DELIRIO DA VALSA.



É muito ligeiro nas valsas.  
Usa as botas por cima das  
meias e as corcucas por dentro  
das calças — para andar com  
sa — leveza.



Quer seja a dois tempos,



quer seja a tres.



alemã,



inglesa.



moça

ou americana, é sempre  
ligeirissimo, desleixo e  
delirante no dozejar da  
valsa.



Gira,



Gira, gira,



Gira, gira, gira,



Gira sempre



até sumir-se pelo  
chão abaixo



É preciso fazer  
imediato serviço



refusa-o para o  
dos poquetes



recomeçando gira, gira, gira para a esquerda e gira sempre.

